

I FEIRA LITERÁRIA DO POVO MUNDURUKU – UMA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA¹

Antonia Zelina Negrão de Oliveira²

Karo Jepom Munduruku³

Sildirene Kurap Munduruku⁴

RESUMO

Este Relato de Experiência reporta as vivências ocorridas na realização da I Feira Literária do Povo Munduruku, na aldeia Karapanatuba, em Jacareacanga, no estado do Pará. Trata-se de uma atividade desenvolvida pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Turma de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A I Feira Literária surgiu a partir da recolha de narrativas orais do povo Munduruku, pelos vinte e quatro bolsistas do PIBID, orientados pela professora coordenadora do Subprojeto e pelas professoras supervisoras. As narrativas orais apresentadas na Feira Literária, sob a forma de dramatização e contação de histórias, foram coletadas junto aos anciãos das aldeias onde residem os bolsistas, e transpostas didaticamente, para um livrinho paradidático bilíngue, nas línguas Munduruku e Portuguesa. Os resultados da atividade pedagógica, demonstraram a pulsante literatura existente entre o povo, assim como o envolvimento das crianças, jovens, adultos e anciãos, no ouvir e no participar das atividades realizadas; demonstraram ainda, a efetivação de uma formação inicial docente, amparada nos princípios de uma Educação Escolar Indígena específica, diferenciada, bilingue, intercultural e comunitária.

Palavras-chave: Relato de Experiência, Feira Literária, Povo Munduruku, Bolsistas PIBID.

INTRODUÇÃO

A Universidade do Estado do Pará tem realizado, ao longo dos últimos doze anos, a formação inicial específica de professores indígenas, a partir do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena ofertado as mais variadas etnias do estado do Pará. Para além do currículo proposto, essa formação inicial específica, também tem sido pautada pela

¹ Relato de Experiência resultante de uma atividade do Subprojeto do PIBID da Turma Munduruku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. Financiado pela CAPES.

² Professora da Universidade do Estado do Pará do Departamento de Educação Escolar Indígena. Coordenadora do Subprojeto PIBID – Turma Munduruku.

³ Supervisora do Subprojeto PIBID da Turma Munduruku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena.

⁴ Supervisora do Subprojeto PIBID da Turma Munduruku do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena.





possibilidade de uma vivência maior do licenciando dentro do espaço da escola, nas aldeias indígenas, tendo em vista a participação em Subprojetos de iniciação à docência, como os do PIBID, que têm contribuído, de forma a permitir a experiência do dia a dia de todos os espaços e tempos da escola indígena.

Viver o dia a dia da escola indígena, no contexto de uma formação específica, diferenciada, intercultural, interdisciplinar e bilíngue (RCNEI, 1998) tem sido a realidade dos professores indígenas em formação inicial, da etnia Munduruku, que residem nas várias aldeias do território Munduruku, do município de Jacareacanga, no estado do Pará.

É nessa vivência dos espaços da escola indígena, a partir do Subprojeto - *A formação inicial de professores indígenas Munduruku: práticas pedagógicas interculturais e bilíngues* – que se pretende reportar as experiências vivenciadas, durante a I Feira Literária do Povo Munduruku, atividade resultante do Subprojeto PIBID Munduruku.

Assim, o objetivo deste relato de experiência é dar visibilidade à uma experiência decolonial de um projeto de formação de professores indígenas, que tem agregado à formação inicial, outras formas de viver mais intensamente, o dia a dia da escola na aldeia; um projeto de formação que busca a convivência dialética pautada por Baniwa (2023), que pressupõe o reconhecimento dos sujeitos indígenas a partir de suas autonomias societárias e cosmológicas; uma formação que impõe descartar por completo, a vida monolíngue (LUCENA, 2015), pois, “para explicar as experiências contemporâneas de ensinar e aprender línguas importa discutir, portanto, a partir do ponto de vista dos participantes” (LUCENA, 2015, p. 69).

A convivência dialética de Baniwa (2023) servirá de base para o relato desta experiência, alicerçada na vivência da coletividade tão bem compreendida pelos povos indígenas, coletividade que entende o nós, como o sujeito ancestral protagonista do saber referenciado.

Portanto, temos esta Introdução, que situa o contexto de realização deste artigo, o tópico O Subprojeto - *A formação inicial de professores indígenas Munduruku: práticas pedagógicas interculturais e bilíngues*, que traz as bases para a compreensão da vivência pibidiana, o tópico – A I Feira Literária do Povo Munduruku, que dá conta das experiências vividas e algumas considerações sobre as experiências vividas.





O Subprojeto - A formação inicial de professores indígenas Munduruku: práticas pedagógicas interculturais e bilingues

O Subprojeto ofertado à Turma Munduruku, a partir de um Edital específico intitulado – PIBID Equidade – iniciou em dezembro de 2024 e findará em dezembro de 2026. Cada Núcleo de um Subprojeto é composto por vinte e quatro bolsistas, alunos da Graduação, três professores da educação básica da escola indígena, neste caso, três professoras indígenas e mais o docente coordenador da UEPA. As atividades do PIBID preveem a inserção do bolsista na escola-campo, a partir da figura de um professor supervisor, designação dada ao professor da educação básica que acompanha, mais de perto, as atividades realizadas pelo bolsista em imersão. Os professores supervisores são responsáveis por orientar, junto com o docente coordenador da IES, todas as atividades práticas, subsidiadas pelas formações teóricas, realizadas ao longo da Licenciatura e nas Formações específicas do Subprojeto.

O Subprojeto PIBID – Turma Munduruku – é realizado junto aos discentes da Turma de Licenciatura Intercultural Indígena, da UEPA e tem por objetivo, promover entre os discentes, o coordenador de área e os professores supervisores, a oportunidade de dialogar e refletir sobre a prática pedagógica que advém de uma práxis pedagógica (FREIRE, 2013), que se constrói a partir do que se vivencia no espaço acadêmico em consonância com o que se realiza no dia a dia da educação básica na escola indígena. É uma relação entre teoria e prática que considera que os professores em formação, assim como os demais participantes do Subprojeto, são seres históricos e sociais, detentores de conhecimentos teóricos e práticos sobre a realidade da escola (PIMENTA; LIMA, 2010); é uma relação que ressalta a importância de se consolidar entre o espaço da universidade e o espaço da escola da educação básica os diversos saberes implicados na formação docente, tais quais, os saberes profissionais, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais (TARDIF, 2002); é uma relação que considera como fundamental a presença dos saberes próprios dos povos indígenas no espaço da escola, pois entende que são seres com





experiências advindas de processos de alfabetização, letramentos e numeramentos específicos; é uma relação que vai buscar nos saberes indígenas, resultantes das práticas de uma educação que começa antes da chegada à escola, a base para se pensar processos vários como a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a própria relação teoria e prática; é uma relação que busca destacar não apenas os saberes

ocidentais, mas sobretudo, os saberes característicos de povos que são detentores de culturas e línguas próprias e por isso, pensam e agem a partir de suas realidades; é uma relação que ao mesmo tempo em que traz a possibilidade do convívio com a língua portuguesa, também dá notória evidência à língua indígena no espaço da escola; é uma relação pautada pela importância de se reconhecer os processos de alfabetização, letramentos e numeramentos, a partir da conjugação da realidade sociocultural dos povos indígenas com a as dinâmicas de conhecimento dos não indígenas, assim, privilegia a interdisciplinaridade por entender que as práticas pedagógicas nos contextos de educação escolar indígena, realizam-se na confluência entre os saberes disciplinares. Nesse processo de ação-reflexão-ação, busca partir de práticas pedagógicas que têm sido desenvolvidas na educação infantil e nas séries iniciais da educação básica, da escola indígena para fomentar o embasamento teórico necessário à reflexão que advém das atividades que se realizam nas salas de aula por professores indígenas, que atuam nas escolas do Território do povo Munduruku.

A I Feira Literária do Povo Munduruku

A experiência aqui apresentada, descreve uma das atividades do Subprojeto PIBID - Munduruku realizado pelos discentes-bolsistas da Turma Munduruku, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. Trata-se da I Feira Literária do Povo Munduruku, realizada em agosto de 2025, pelos bolsistas pibidianos, na aldeia Karapanatuba, do povo Munduruku, do município de Jacareacanga, no estado do Pará. A Atividade que culminou na Feira Literária havia iniciado no primeiro semestre de 2025, como parte do Planejamento das atividades do PIBID. O primeiro passo foi o levantamento de narrativas orais do povo Munduruku, narradas por sábios do povo, conhecedores dessas histórias. A recolha dessas narrativas partiu de um Formulário, que continha algumas perguntas a serem





feitas àqueles que são conhecedores das histórias do povo Munduruku. O instrumento de pesquisa foi aplicado nas várias aldeias do território Munduruku, da região do alto Tapajós, rio importante que corta o município de Jacareacanga, no estado do Pará, onde estão concentradas boa parte das aldeias do povo Munduruku, dessa região.

A Metodologia de pesquisa utilizada compreendeu a pesquisa-ação e a pesquisa etnográfica, a primeira, por oportunizar ao pesquisador-educador a possibilidade de refletir e aprimorar a prática, a partir do próprio processo e por ser uma pesquisa cooperativa (THIOLLENT, 2011), a segunda, por ser o pesquisador, o professor indígena, em formação inicial, a engajar-se na reflexão da sua realidade. Esses dois tipos de pesquisa estão mais próximos das cosmopercepções (OYĚWÙMÍ, 2021) e dos sentidos de coletividade dos povos indígenas.

Após a realização da primeira etapa, que consistiu na pesquisa das narrativas orais do povo Munduruku, os bolsistas, com o auxílio das professoras supervisoras e da professora coordenadora do Subprojeto, fizeram a transposição didática dos textos para as línguas escritas – Munduruku e Portuguesa. O passo seguinte consistiu na ilustração das narrativas, no formato de livreto paradidático bilíngue. Depois, durante o período da Feira Literária, os bolsistas apresentaram essas narrativas, sob a forma de contação de história ou de dramatização, para a comunidade indígena da aldeia Karapanatuba, no município de Jacareacanga, no estado do Pará, local onde o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena é ofertado.

Abaixo o quadro com as narrativas registradas:

Quadro 1: Narrativas orais do povo Munduruku registradas pelos bolsistas do PIBID

Narrativa Oral	Bolsistas	Supervisoras
A raposa e a onça - Kak e Wuyda	Cardoso Munduruku	Elisa Akai Wiui
A origem do povo Apiaká –	Maria Raimunda Apiaká	Karo Munduruku
A História da Aldeia Teles Pires: lutas, mudanças e resistência	Daiane Munduruku	Sildirene Munduruku
O surgimento das plantas - Karobak	Lucinaia Munduruku	
Ebabukat	Nildo Munduruku	
O jabuti e a anta - Yaoti Bio Eju Iap	Aldízio Munduruku	
	Edivandro Munduruku	





O jabuti e a onça pintada - Yaoti i Wida	Alexandre Munduruku	
O pato e o mutum - Ipsoy i witô	Aurenildo Munduruku	
A transformação do sol – Kaxi Juap	Gersiane Munduruku	
O jabuti e o jacaré -	Cledson Munduruku	
O gavião real e a tartaruga - Dace i kagerere ekawen	Ailson Munduruku	
A onça e o cachorro - Wida e Akirice	Breno Munduruku	
Karosakaybu – a origem das queixadas -	Joanilci Kaba Munduruku	
Karosakaybu kuyje daje o'ğuju iap ekawên	Lucineide Saw Munduruku	
O surgimento dos mosquitos – Xik Ebapuk'ap	Gracieli Boro Munduruku	
O surgimento da planta da maniva – Kadai ebapuk ap	Silmara Yori Munduruku	
Narrativas Oraís do Povo Munduruku – Muraycoko ju'ap	Leunira Boro Munduruku	
A origem da noite para o povo Munduruku - Ixima juap ekewen munduruku yu cucum pima soat osodop cewexat cucucum pima ip	Ledenilson Munduruku	
O macaco prego e o macaco guariba – Tawe e oro oro	Leuto Munduruku	
História da Taboca – Parasoy		

Fonte: A autora, 2025.

Os livros paradidáticos bilíngues, além dos textos escritos nas duas línguas utilizadas pelos bolsistas, em formação inicial, também apresentam ilustrações, que corroboraram as linguagens verbais e não verbais, tão representativas dos povos indígenas. A escritura do livrinho paradidático enfatiza o universo literário presente entre os Munduruku, que ainda mantém vivas as narrativas orais contadas e recontadas pelos ancestrais do povo, tal qual como ressalta Munduruku (200..), no trecho “[...]o velho homem [...]. Fazia isso nos contando histórias das origens, das estrelas, do fogo, dos rios. Ele sempre nos lembrava que, para ser conhecedor dos mistérios do mundo, era preciso ouvir a voz carinhosa da mãe-terra [...]”. E essa voz carinhosa da mãe-natureza que ouvimos nas narrativas trazidas pelos bolsistas, seja através da voz do jabuti, da onça, do macaco, da anta, do gavião real, das plantas, dos rios, é por meio dessas vozes, que expressam o narrar, que as narrativas orais têm sido preservadas entre o povo Munduruku, do médio e alto Tapajós, nas aldeias onde residem os bolsistas pibidianos, em formação inicial para a docência. Mais ainda, essas vozes têm chegado às salas de aula das escolas indígenas e têm mostrado que os povos tradicionais possuem uma literatura, que inicia na oralidade e que se mantém viva a partir das bocas dos antepassados, é o “dar continuidade à memória ancestral” (THIÉLL, 2013, p.118).

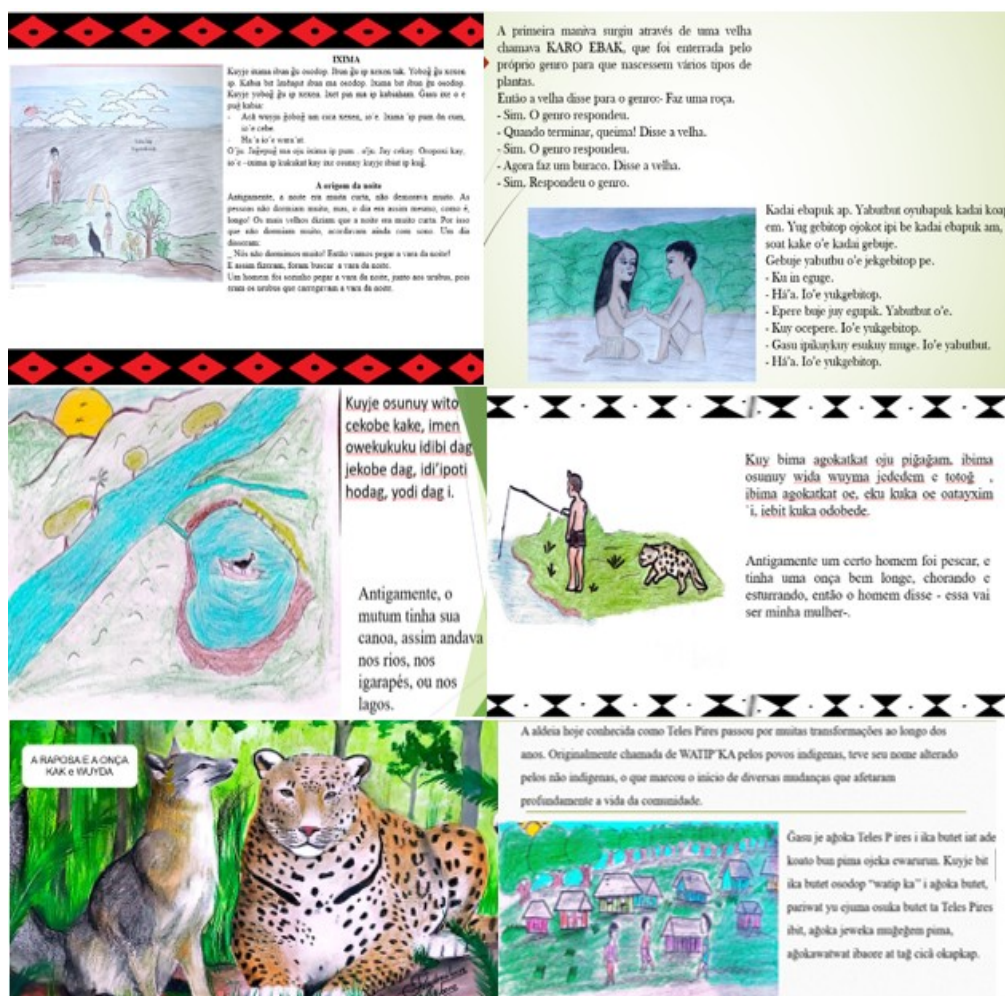


Agora, mais recentemente, a literatura oral vem sob a forma da escrita bilíngue trazida pelos professores em formação inicial ou continuada.

Ao visibilizar a literatura indígena, fruto da oralidade e do caráter comunitário de um povo, visibiliza-se a história, a memória e as cosmocepções desse povo. O fazer conhecer dessa literatura, dentro das escolas indígenas, reforça o compromisso com uma formação intercultural, comunitária, específica e bilíngue, assinalada pelos documentos oficiais que respaldam a formação de professores indígenas.

A seguir, algumas imagens dos livros produzidos:

Imagem 1: Livros Paradidáticos Bilíngues Produzidos pelos Pibidianos



Fonte: A autora, 2025.





Após a Produção dos Livros de Literatura das narrativas orais, os bolsistas pidianos organizaram a I Feira Literária do Povo Munduruku, onde foram expostas as narrativas sob a forma de dramatizações e contação de histórias. A Feira Literária reuniu toda a comunidade da aldeia Karapanatuba, nos dias 16 e 17 de agosto de 2025, em uma atividade pedagógica e literária.

Abaixo algumas imagens da I Feira Literária do Povo Munduruku:

Imagem 2: I FEIRA LITERÁRIA DO POVO MUNDURUKU



Fonte: A autora, 2025.





Considerações Experienciais

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A realização da I Feira Literária do Povo Munduruku pelos discentes da Turma de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, bolsistas do PIBID, demonstrou a grandiosidade de uma formação docente que se pauta nas bases estabelecidas para a formação de professores indígenas, a saber, específica, diferenciada, comunitária, intercultural e bilíngue; uma formação que parte dos saberes próprios do povo e que traz para a escola e para a comunidade a visibilidade, que a literatura indígena merece. Ao dar evidência às narrativas orais em um

formato de um livrinho paradidático, os bolsistas não só mostraram a efervescência de uma literatura que se mantém atual, como possibilitaram a produção de materiais didáticos para a escola indígena. As atividades da I Feira Literária junto à comunidade da aldeia Karapanatuba, em Jacareacanga/PA ressaltaram a importância de uma educação escolar que se constrói nos princípios estabelecidos pelos próprios povos indígenas, de uma educação comunitária, que se constrói coletivamente.

REFERÊNCIAS

BANIWA, G. L. S. **Educação e povos indígenas no limiar do século XXI: debates e práticas interculturais.** In: Antropologia & Sociedade - Revista do Laboratório de Antropologia, Arqueologia e Bem-Viver da UFPE, v.1, n.1 [2023].

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 348 p.

MUNDURUKU, Daniel. **A escrita e a autoria fortalecendo a identidade**, s.d. Disponível em: [C/iniciativas-indigenas/autoria-indigena/a-escrita-e-a-autoria-fortalecendo-a-identidade](#) – Povos Indígenas no Brasil. Acesso em: 08 jul. 2019.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ. 2021. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Trad. Nascimento, Wanderson Flor do. 1. Ed – Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo, SP: Cortez, 2010.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.





THIÉL, J. A Literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: [Revista Educação & Realidade](#).

